

2024

# LIBRO DE RESÚMENES



## XVII Congreso de ALAIC

Desinformación, automatización  
y democracia: los retos de la  
comunicación.

20 al 22 de Agosto de 2024  
Bauru, São Paulo, Brasil

# ALAIC

Asociación Latinoamericana de Investigadores de  
Comunicación (ALAIC)

**Título**

Representações do popular e do político em Avisa lá que eu vou

**Número**

877479

**Data de Submissão**

25 de jun de 2024

**Modalidade**

Resumo expandido / Resumen ampliado + (Referências)

**Área temática**

GT22 - Estudios de Televisión y Streaming / Estúdios de televisão e streaming

**Autores**

Eduardo Paschoal, Rosana de Lima Soares

**Palavras-Chave**

mediações, circulação, televisão brasileira, cultura audiovisual

**¿Presentación presencial o remota?**

Presencial

**Resumo**

Representações do popular e do político em Avisa lá que eu vou

Representations of the popular and the political in Avisa lá que eu vou

Eduardo Paschoal

Pesquisador de pós-doutorado, com bolsa Fapesp (processo n. 2022/08101-0). Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Integrante do MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem e Práticas Midiáticas (ECA/USP). Brasil. E-mail: eduardopaschoals@gmail.com.

Rosana de Lima Soares

Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e integrante do MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem e Práticas Midiáticas (ECA/USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Brasil. E-mail: rolima@usp.br.

Trabalho submetido ao GT 22 - Estudos de Televisão e Streaming

Em entrevista às jornalistas Maria Júlia Coutinho e Poliana Abritta no Fantástico(1), da Rede Globo, o apresentador Paulo Vieira falava sobre o lançamento da segunda temporada de seu programa Avisa lá que eu vou (2022 até momento, Rede Globo, GNT e GloboPlay), programa de entrevistas iniciado em 2022 e que, por dois anos, foi apresentado em versão reduzida também no programa dominical. Segundo ele, aquela nova edição de 10 episódios tinha por objetivo ir a lugares ainda “mais profundos, tanto geograficamente falando, quanto emocionalmente falando. Acho que nessa segunda temporada a gente tem buscado cada vez mais nos aprofundar na alma de cada entrevistado”. A ideia do que ele intitula “talk-show de rua” é percorrer cidades pequenas e pouco conhecidas no Brasil para conhecer seus habitantes e as histórias mais marcantes.

O objetivo deste estudo é analisar alguns dos episódios de Avisa lá que eu vou sob a perspectiva do popular e do político, tanto em sua narrativa quanto na estética que constrói e nas representações que mobiliza. A partir da figura de seu apresentador, mas também da maneira como ele aborda e dialoga com seus entrevistados, buscamos refletir a respeito das recorrências das imagens de um Brasil considerado profundo e inexplorado midiaticamente, em direção a uma mediação que se coloca em narrativa e estética. Se para Jesús Martín-Barbero (1997) é através dos meios de comunicação que a política passa a ser introduzida no espaço doméstico, em uma interação social mais cotidiana, e que pensá-la significa destacar dos objetos midiáticos os elementos simbólicos e imaginários dos processos de formação do poder, inclusive narrativo, então podemos considerar a dimensão política das obras por meio de sua constituição na comunicação massiva, como é o caso do objeto aqui proposto. Construir um Brasil popular e profundo por meio do audiovisual seriado pode ser considerada também uma estratégia política de reivindicação de

um certo espaço de representação.

Sobre esse aspecto, Omar Rincón (2016, p. 30) chama a atenção para a classificação dos meios de comunicação como lugares de reconhecimento para os sujeitos populares. Ele destaca que “o popular está em todas as partes, em todas as práticas, e está cheio de sentidos ambivalentes. Mas é no subalterno, no dominado, no excluído que habitam os jogos de poder e dominação”. E classifica as culturas populares como uma experiência bastarda, a junção do que poderiam ser altas e baixas culturas, do folclórico, do midiático, do conectivo das novas tecnologias.

Essa abordagem parece ficar explícita na abertura do primeiro episódio da segunda temporada(2), exibido logo na sequência da entrevista ao Fantástico, em que Paulo Vieira percorre a cidade de Maragogipe, na Bahia, em busca de “possibilidades de entrevista”. Na abertura, após saltar de um pequeno barco de pescador com uma mala na mão, o apresentador se dirige à câmera: “Cheguei em Maragogipe! A segunda temporada do Avisa lá que eu vou começar como o Brasil começou: explorando a Bahia, pegando tudo o que ela tem de bom para o divertimento da branquitude que são vocês. Axé!”.

Há inúmeras referências a reivindicações históricas por representatividade e pela elaboração de outras representações das pessoas negras, indígenas e de minorias políticas ao longo dos episódios. A própria trajetória de Paulo Vieira parece legitimar essa intenção. Novamente na entrevista ao Fantástico, ele comenta sobre seu método de entrevista e a facilidade com que se aproxima de seus/suas entrevistados/as:

É um programa onde eu sinto que eu estou fazendo aquilo que eu vim fazer na televisão, que é falar sobre o meu povo, sobre o lugar de onde eu venho, falar sobre a minha família, sobre aquilo que eu acredito, aquilo que eu represento. Esses dias uma pessoa me perguntou ‘como você consegue ter tanta intimidade com o entrevistado, tão rápido?’. E eu falei ‘é porque ele não é novo para mim. Aquele entrevistado é a minha tia, é a minha avó, é a minha família’. E eles também me reconhecem nesse lugar. (Vieira, 2023)

Podemos observar um diálogo entre entrevistador e entrevistado, e entre produto midiático e público que se estabelece em uma mediação que passa, também, pela legitimação das representações mobilizadas, algo que poderia ser colocado em perspectiva na televisão a partir de outras trajetórias, como a de Regina Casé(3), por exemplo. Ou ainda uma anterior ausência de pluralidade nas representações de pessoas negras e de grupos populares nos estudos conduzidos por Lélia Gonzalez (1984) e Joel Zito Araújo (2000). Em outra chave, considerando as possíveis mediações estéticas no programa de entrevistas, é importante destacarmos a construção de imagens que reforçam ou alteram em alguma medida o repertório clássico dos imaginários populares, em diálogo também com um popular global ou universalizado (cf. Ortiz, 2015). Há uma mudança na perspectiva dos imaginários populares em elementos como o figurino do apresentador, na forma como ele recebe interações do público prévias à gravação por meio das redes sociais e aplicativos de mensagem, ou nas conversas constantes com os jovens de cada cidade. Ao mesmo tempo, há a consolidação de uma ideia do imaginário popular, como no trabalho artesanal, no bate-papo conduzido em cadeiras colocadas nas garagens ou nas calçadas em frente às casas, no café servido com bolo a cada nova entrevista.

Considerando as possibilidades de análise tanto da forma quanto do conteúdo do programa Avisa lá que eu vou e de Paulo Vieira como seu apresentador, nosso objetivo é compreender as mediações narrativas e estéticas a partir das representações propostas, e de sua veiculação em formato compacto na TV aberta (em um programa jornalístico dominical de longo alcance, além de sua presença na programação do GNT, canal por assinatura, e sua disseminação por meio da plataforma de streaming GloboPlay. Finalmente, buscaremos estabelecer caminhos analíticos para pensar a crítica e a metacrítica midiáticas por meio da articulação entre os sistemas de produção e recepção mobilizados pela cultura audiovisual contemporânea.

(1) Entrevista exibida o dia 30 de abril de 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11578884/>. Acesso em 20 de junho de 2024.

(2) Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11569308>. Acesso em 20 de junho de 2024.

(3) Sobre esse aspecto, recomendamos a análise da trajetória da atriz e apresentadora Regina Casé e de seu percurso na televisão e no cinema brasileiros em Sousa, 2022.

#### Referências:

Araújo, Joel Zito (2000). *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac.

Gonzalez, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244.

Martín-Barbero, Jesús (1997). Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Ortiz, Renato (2015). Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo.

Rincón, Omar (2016). O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities. Revista ECO-Pós, v. 19, n. 3, p. 27-49.

Soares, Rosana de Lima (2020). Sutileza e grosseria da exclusão nas mídias. São Paulo: Alameda.

Sousa, Eduardo Paschoal (2022). O cinema brasileiro como ferramenta do político: ancoragens, engates e redes de ruídos em obras de 2012 a 2018. Tese de doutorado - Programa de Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo.